

**Poemas selecionados pelo Ministério Público do trabalho para publicação de livro.**

**Os poemas tratam das seguintes temáticas:**

**Trabalho infantil. Mitos. Ideologia do trabalho;**

**Trabalho infantil. Trabalho doméstico. Condição da mulher;**

**Trabalho infantil nas ruas. Trabalho escravo e violência;**

**Violência contra a mulher;**

**Tráfico de pessoas. Trabalho sexual forçado;**

**Trabalho infantil e invisibilidade social;**

**Escravidão contemporânea. Momento atual. Enfrentamento.**

**Escravidão moderna. Retrocessos legislativos. Reforma trabalhista. Direitos Mínimos;**

**Precarização do trabalho. Reformas;**

**Relação entre trabalho escravo e trabalho infantil. Diferentes formas de exploração da criança no trabalho.**

### **Sem mordança!**

Luna Magalhães

Meu passado te condena, sistema escravocrata  
Fui um povo dominado pela onipotência da tua cor,  
Sobrevivi mais de 300 anos e produzi tua riqueza de graça.  
Homem branco, de posses, barão, aristocrata,  
Quanto sangue derramado no castigo da tua chibata!  
Atravessei o Atlântico nos porões do teu cargueiro  
Em condições desumanas no inferno do tumbeiro,  
Traficado e levado pros mercados do escambo,  
De Moçambique ao Brasil tive o pé acorrentado  
Junto à pele marcada pela brasa do teu gado.  
Pressionado pela abolição tu criou uma fachada:  
Ventre livre e sexagenário, esmola era melhor que nada!  
Mas com 8 anos nossa criança já podia ser levada  
Pela indenização de um sistema que te pagava,  
Quanto aos velhos com 65, um auxílio enxotada,  
“Libertar” aqueles pesos que já não valiam nada!  
De sol a sol, na mina, no galpão, na fazenda,  
Tinha máscara, corrente, argola de metal no pescoço,  
Açoite de nó retorcido pro preguiçoso molenga,  
Lágrima derramada pela dor da pancada,  
Submissão da negrinha na senzala estuprada  
Nas rebeliões das fazendas meus irmãos reagiam,  
Escapando dos capitães pelo mato fugiam  
E com refúgio no quilombo do tronco se livravam.  
Candomblé, umbanda, capoeira, cultura sem mordança.  
Palmares, resistência quilombola, identidade que abraça!  
Movimentos republicanos avançavam progressistas  
Em meio às crises de um regime monarquista.  
Foram longos anos de um sistema escravagista,

Mesmo diante das lutas dos movimentos populistas,  
Até que fomos “absolvidos” pela tal áurea abolicionista.  
Nunca aboliram a desigualdade humana,  
Foram somente os interesses da transição do Império.  
O Estado nos chutou, não deu condição, não incluiu,  
Com novas facetas de mesma distinção soberana  
E instrumentos da sua onipotência, nos subtraiu!  
Século XXI, 128 anos após a abolição,  
Continuamos presos às amarras da escravidão,  
Com novas facetas e instrumentos de discriminação,  
Cuja face mais nociva revela uma herança maldita,  
Silenciosa e banalizada, que engrossa os índices da exclusão!

### **Cor de pele**

Luna Magalhães

Quando eu era pequenina  
Do tamanho de um botão  
Me mostraram a cor de pele  
Não era igual a minha não!

Eu sempre fui pretinha  
Da cor do grão de feijão  
Mas a tal da cor de pele  
Era um creme tipo salmão

E durante toda vida  
Pensei nessa questão  
Se meu tom não era de pele  
Era de quê, então?

Depois inventaram o nude  
Bem clarinho, no mesmo tom  
Sugerindo que a nossa nudez  
Nem chegava perto do marrom

Ora, quanta confusão!  
Nem toda pele é tipo algodão  
Pode ser preta, amarela ou marrom  
A sua é de que tom?

### **Infância perdida**

Letícia Tavares Lemos

Não começou de hoje  
Nem ontem  
Mas sim  
há muito tempo atrás

De lá pra cá  
Talvez algo tenha mudado  
Ou apenas aceitamos esse fato  
Da infância perdida para o trabalho escravo  
Mas infelizmente nessa dura realidade  
Mostrava o quão triste e angustiante era estar ali  
Sem ter pra onde fugir  
Apenas existindo num mundo completamente incolor

### **Quando Pedro cresceu**

Daniel Grimoni

anteontem o pedro não veio pra escola;  
quando liguei pra lá não me atenderam  
deviam estar todos ocupados;

ontem o pedro não veio pra escola;  
liguei pra lá e nada, ninguém  
pensei que seus pais estariam  
trabalhando, mas e o pedro?

o seu gonzaga, vizinho dele,  
quando perguntei me disse:  
pedro,  
pedro foi ajudar o pai;

hoje ele não veio pra escola;  
de noite pensei em ligar mas  
achei melhor não, todos deviam  
estar cansados e eu tive vergonha;

o seu gonzaga, que sabia dele,  
quando fui lá me disse:  
você,  
você não se preocupe;

só espero que amanhã ou depois  
ninguém  
chame o pedro de vagabundo.

### **Cadê o menino?**

Yolanda Souza

Eita, fome danada...  
Fome que aparece e some e nada diz  
Cadê o menino, ele estava ali?  
A fome o fez sumir!

O menino pediu, sorriu, chorou...  
E aí cheirou a cola e a fome passou  
Ali na encruzilhada da rua principal...  
Os meninos foram lá e mataram a fome  
E mataram a sede sem pedir licença  
E voltaram pra “casa” e dormiram sem culpa  
Ontem, o menino sonhou com o amanhã...  
Mas foi explorado fazendo malabarismo  
No sinal fechado!  
Vendendo bala no trem da Central  
E no trabalho pesado do canavial.  
Os meninos não tinham nome, nem sobrenome  
Foram entregues à sorte  
Conheceram os pais e as mães na rua  
Que lhes ensinaram a verdade  
Nua e crua.  
Cadê o menino?

### **Casa limpa e arrumada**

Marcus Cruz

A casa segue arrumada, toda sala aplumada  
Nos armários não se tem poeira  
Os vizinhos fofos foram pra feira  
No ambiente familiar o trabalho continua  
verdade nua e crua, tantas aventuras  
Ao abrir a janela, abraço o horizonte  
Sonhos passageiros...  
Volto a focar na limpeza  
Tenho sede de algo que nem sei  
Continuo arrumando e limpando  
Na verdade, nunca parei  
Os móveis vivem a sorrir  
Meu trabalho parece não ter fim  
Minha infância e adolescência serviram de limpeza  
Correnteza que me faz navegar  
Um dia pretendo descansar  
Viver, sonhar, estudar  
Quem sabe até, se der tempo, vou ter a sorte de amar  
O dia a dia me consola  
Abraço a solidão, nada mais me apavora  
De vez em quando dou um pulo lá fora  
Vejo a cara da sociedade  
O sorriso amarelo da política  
O despertar de uma crítica  
Mas enfim...  
Volto pra casa e lá vai a faxina  
Faxino tudo com vontade, faxino versos e rimas  
Essa arte me domina

Passo o rodo na tristeza, ponho a comida na mesa  
Assisto a TV, mudo de canal a todo instante  
Tenho um desejo de mudança constante  
Deixo a porta aberta pra felicidade  
E sigo a viver essa realidade.

### **Poema #1**

Jaqueline Calazans

Ela partiu. Partiu não por opção, foi forçada. Maltratada.  
Escorraçada. Amordaçada. Estuprada. Mutilada.  
Amarrada. Arrastada. Ignorada. Decapitada.  
Se voltou? Não voltou, não voltou porque corpo não restou,  
não lhe deram opção, ocultaram seu sumiço e apagaram sua  
existência. Inventaram quem ela era pra justificar tamanha  
crueldade, pra não ter que explicar  
tim tim por tim tim e se descobrir a verdade.  
Luana, Cláudia, Eloá, Fernanda, Ione, Dandara, Anastácia,  
Elza Soares, Beatrice de Congo, Mariana Crioula, todas  
massacradas pelo mesmo olhar.  
E quem irá nos salvar?

### **Sinal vermelho**

Leonardo Rocha

Quanto custa o futuro num sinal fechado?  
Os vidros fechados  
A alma culpada  
O riso forçado  
Os malabares malfeitos  
Equilibrando apenas distâncias  
O suor quente, salgado pela lágrima muda  
De quem nem sabe que perdeu  
As pernas vermelhas da ira materna  
Também vermelha na face, no medo  
O futuro chora nos noticiários  
Um presente natimorto  
Mãos grossas e adultas  
Feridas em corpos tão pequenos.  
Quanto custa matar um futuro num sinal fechado?  
As pessoas passam  
Os carros passam  
E o futuro continua lá, desfigurado  
Sem chance pro presente  
Sem a sorte de ganhar o que sonhar

Está tudo naquele pequeno intervalo  
Entre o verde e o laranja  
O desperdício, a fome  
Menos a culpa

Essa sobrevoa distante  
Janta as melhores comidas  
Toma os melhores vinhos  
Numa fartura covarde de culpa e solidão.

### **Cartão de ponto**

Augusto Dias

Enquanto as muralhas seguem tão imorredouras  
e a combustão do farol do fim do mundo está morta  
e as ideias apodrecem na mente e nas lavouras  
e a infelicidade do coração, infinitamente, te corta  
o poeta é uma navalha.

Enquanto dormem os homens de duvidosas atitudes  
e a certeza foi jogada, dentro de uma garrafa, ao mar  
e os poemas tornam-se cada vez mais raros e rudes  
e a vida já foi confinada ao mais profundo silêncio  
o poeta é um canalha.

Enquanto o cantar dos passarinhos vira mau agouro  
e “descansar à sombra de uma árvore” é alta infração  
e a maldição de escrever é seguir para o matadouro  
e o verde das florestas prossegue tingido de vermelho-cão  
o poeta é uma fornalha.

Enquanto todos fecham, devagar, a porta em sua cara  
e esmurrar de nada adianta porque eles não têm ouvido  
e esperar que ela se abra novamente só te mascara  
e se matar pelas migalhas é o teu papel, agradecido  
o poeta é uma metralha.

Enquanto sorrisos são distribuídos nas redes antissociais  
e a fartura é muito grande em círculos cada vez menores  
e medo, rancor e hipocrisia são cada vez mais banais  
e o horror da morte cotidiana não é nada que te apavores  
o poeta não joga a toalha.

Enquanto todo mundo busca ser tão civil e tão ordeiro  
e o senhor de escravos veste um terno de corte italiano  
e, ano após ano, a raposa é quem vigia o galinheiro  
e a poesia tenta causar, a tudo isso, um qualquer dano  
o poeta não desiste, trabalha  
para você continuar humano.

## **Navio negreiro da Central**

Gabriel Mação

Nas manhãs nasce a multidão  
Gerados na placenta da grande serpente  
De aço  
Carne moída que sangra  
No navio negreiro da Central  
- O grito de ontem continua hoje –  
Da Baixada à Zona Norte  
Da Zona Norte ao abate  
O ponteiro é caos  
Consumindo o tempo  
Vozes dos que desesperadamente  
Correm confusos entre  
A pressa dos que têm fome  
Na presa de seus donos  
  
No prato suas vidas  
A refeição  
Seus anos  
Nas janelas os vultos  
Das ingratas paredes  
Do corredor da morte  
Cinza a cidade  
E o suor sem cor  
Nos rostos vagos de cada vagão  
Vazios de liberdade  
Dias apáticos  
Horas raquíticas  
Minutos saqueados  
Escravos modernos.

## **Privatização**

Rafael Inácio

Privatização, pegue a escravidão e atualize  
Pois todo trabalho análogo é terceirizado  
A Lista Suja não é a Lista de Schindler  
Ainda assim, nos pagam o mínimo, exploram ao máximo  
Sustentamos os obesos, burgueses  
As desigualdades eu meço pelos I.M.C.s\*  
Falo da estética dos pratos  
Onde a igualdade pede arrego pra ganância, de fato  
Açoite remunerado  
Com todo direito... De ficar calado  
Analfabetismo é plano do governo fajuto  
Sem instrução, resta ceder ao jugo  
E seguir a boiada que trabalha, trabalha  
Trabalha, trabalha e trabalha

Pra enriquecer canalha, canalha  
Canalha, canalha e canalha  
O trabalho é libertador  
Engraçado, que só os patrões sabem disso  
Têm grandes empresas porque herdaram  
Do pai, do avô, do bisavô...  
Que dos nossos ancestrais roubaram  
E nos sobrou o salário de fome, subemprego  
E a exploração pelos novos sinhôs  
É sem distinção de cor, desde que seja negro  
Com a CLT no museu, voltamos a 1943  
Primeiro de maio ou de abril? Respondam vocês  
Mais uma vez o povo paga por esse absurdo  
Estamos fadados ao futuro obscuro  
Daqui a 49 anos, me mandem flores  
Não liguem se eu estiver meio pálido  
Não toquem no meu paletó de madeira, me deixa  
Curtir minha vida de aposentado

### **Brasil escravo infantil**

Raquel de Oliveira

Vamos ouvir as crianças  
As crianças do nosso Brasil  
Vamos ouvir  
Lá pelo Norte do país  
Rosto roto  
Mambembe  
Lambuzado de preto  
Parece até engraçado  
Pra quem não conhece o enredo  
Tem medo do amanhã  
Tem medo que o hoje já ameaça  
Com sua chegada escrava  
Enxerga nada  
Seus olhos são só fumaça  
Menino franzino ainda  
O barro do sapê agora fogo  
A árvore tão linda  
Cheia de vida  
Juntam-se ao seu corpo  
Fogo  
Carvão  
Menino carvoeiro queimado  
Vendido rendido escravo  
Lá pelas bandas do Nordeste  
Além de água  
Falta comida  
Gente desassistida

Isso tem de montão  
E as meninas  
Que irão para a berlinda  
Carne seca, farinha, feijão  
São trocadas para a escravidão  
Babás, manteúdas, ajudantes de cozinha  
Trabalho doméstico alheio  
Arrancam-lhes do seio  
A família não vê nisso nenhum mal  
E manda pra capital  
Bandos surgem em São Paulo  
De crianças desgarradas  
Era uma aqui outra acolá  
Antes estendiam a mão  
Aceitando qualquer pão  
Hoje são gangues  
Escravos do abandono  
Da solidão  
Juntam-se em suas misérias  
E vão...  
Oba vai ter banguê-banguê  
Corre  
Lá vem o bicho-papão  
Seus grilhões  
Condenam a população  
A não ter  
Mesmo assim se recusam a ver  
Celular, relógio, cordão  
Farinha pouca  
Primeiro o meu pirão  
E no Rio de Janeiro a janeiro  
Paisagens as mais belas  
Praias lindas  
Turismo a mil  
Meninos, meninas  
Crianças tortas  
Largadas perdidas  
Entregues a todo o tipo de exploração  
Trabalho de rua  
Prostituição  
Mazeladas  
Sequeladas  
Massacradas  
Escravas do tráfico de drogas  
Mortas  
Entregues ao canalhismo  
Da cidade senil  
E no Sul não é diferente  
Crianças corrompidas  
Em seu ser gente

Interrompidas  
Areladas à escravidão  
Disfarçada de ganha-pão  
Na construção civil  
Na agricultura  
Flanelinhas  
Catadores de papel  
E o mais cruel  
Nas minas de extração  
De Acácia e Ametista  
Doze, treze, quinze anos  
Suportam o peso do minério  
E a fuligem da lixa  
E tem mais  
Meninas lindas  
Com seus traços de modelos  
São enganadas  
No tráfico de pessoas  
E jogadas nos puteiros  
Fui vendida inda menina  
Escravizada  
Trabalhei como filha da puta  
Num terreiro de macumba  
Mas Ogum me ensinou  
Que por mim o sol parou  
Num caminho de morte  
Criança desprotegida  
Não entendia nada  
Dei sorte  
Hoje entendo e me vejo obrigada  
A levar como mensagem  
Esperança  
E se posso fazer, faço  
Choro  
Oro  
Crio poesia  
Denuncio  
Para mostrar  
Aos ainda  
Escravos crianças  
Que o mundo tem que amar  
As pessoas por igual  
E que cedo ou tarde  
Acredite  
A liberdade vai chegar  
Fecho aqui o meu Brasil  
Resumindo a trajetória  
Do trabalho escravo  
Na exploração infantil